



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIRE-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL

Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

14 de Outubro de 2006 • Ano LXIII • N.º 1633
Preço: € 0,30 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239



Os Padres da Rua «vêem obra feita antes dela nascer». O resto, é com o Pai de todos os dons.

Benguela

Vale a pena dar a vida por amor

NÃO há felicidade maior. É uma das verdades que somente se entende pela experiência. Não houve homem mais feliz do que Jesus Cristo. A plenitude dos valores humanos está n'Ele. O dom da vida pela libertação da pessoa humana do que é indigno, nas suas várias formas, é o cume da perfeição.

Os bebés e os outros mais pequeninos abriam-me a porta para estar convosco. Vi-os a chupar os peitos secos das mulheres, suas mães de olhos tristes. Volto, agora, a contemplá-los e sinto-me feliz como eles, de mãos estendidas para me abraçarem. Não lhes falta o leite, nem o carinho, verdadeiro calor humano que cria e faz crescer. Levo até vós esta realidade para que o vosso coração se encha de esperança numa humanidade melhor e saia do buraco para ver, ao longe, uma porção de humanidade renovada pela única força do amor.

Vale a pena dar a vida para que outros tenham vida. Custa dar, quando pensamos que perdemos. É o egoísmo a falar. Fecha-lhe os ouvidos e lança-te na aventura da generosidade sem cálculos. Acabo de chegar do depósito de medicamentos, onde nos abastecemos dos remédios necessários ao nosso pequenino posto. O custo dos remédios é um problema grave para a maioria da população. Não há dinheiro que chegue para pagar os medicamentos. Por isso, estamos presentes neste sector essencial para a vida. Não podemos aceitar que a morte vença, porque falta a defesa que está ao nosso alcance. A pobreza extrema e a miséria são campo aberto. Damos as mãos para tentar libertar das garras da morte o maior número de vítimas inocentes.

A beleza do rosto das crianças, tratadas a tempo e horas, mais a saúde das mães, vale todo o esforço que nos é pedido. Participai! Entretanto, grandes obras estão a ser levadas a cabo no hospital central de Benguela. A estrutura física ficará totalmente renovada. Penso, agora, na dimensão humana que vai animá-la. Onde está? Não sou nem quero ser pessimista. Tenho esperança. Desejo unicamente que o povo possa aproveitar com eficiência e eficácia tamanho investimento. Não haverá, ao menos, um médico ou médica portuguesa a dar a sua colaboração? Quem dera a Cooperação portuguesa fosse doutro jeito!

A propósito, estou a lembrar-me do pedido insistente que a Doutora Helena me fez para escrever uma carta ao Ministro da Saúde de Portugal, no sentido de promover a vinda dum pequeno grupo de médicos para trabalhar em equipa. Seria, por certo, motivo de alegria para o povo angolano. A mesma língua aproxima mais as pessoas, porque se entendem facilmente. O espírito de missão, aliado ao profissionalismo, seria um factor elevado de confiança mútua. Deste modo, Portugal estaria mais presente no coração destes filhos de Angola. Porque não? Ainda não terá chegado a hora?

Padre Manuel António

Património dos Pobres

NÃO chegámos a arranjar a casa daquela mãe de dez filhos que, ainda, adoptou um menino e vive numa espelunca velha, de perda, mas sem espaços e condições nenhuma.

Também ainda não contei o mundo de dificuldades que se me levantaram logo que pus, junto à casota, areia, cimento, vigas e tijoleiras. Nunca falei disto no Jornal. Só a Deus e a alguns íntimos, directamente.

No dia em que gizávamos, com o casal, a reconstrução e o aumento da referida casota, os pulmões do marido rebentaram de sangue; ele foi hospitalizado, sendo-lhe extorquido um pulmão afectado de tumor maligno.

Os filhos da senhoria opuseram-se à reparação da casa e atiraram com a Pobre para o Tribunal.

Se não fora a intervenção de advogados amigos e generosos e o meu compromisso de construir uma casa para aquela família, ela teria ido para a rua em Março de 2005.

Pus-me à procura de um terreno e disposto a comprá-lo. Pela experiência que Pai Américo tinha destas coisas, a Verdade evidencia-se. Os Padres da Rua não desanimam, «vêem obra feita antes dela nascer». A gente vê e faz. O resto não é conosco. É com o Pai de todos os dons.

Alguém nos ofereceu um terreno mesmo ali ao lado. Ótimo!

Os Pobres não saem do seu ambiente social. Não os amontoamos com outros segundo o costume da engenharia social vigente com resultados demolidores à vista.

Uma casa digna, junto de vizinhos costumados, é sempre o melhor lugar.

A Câmara de Paredes entendeu e prontificou-se a colaborar. Projecto e cálculos, tudo a seu cargo.

Meteram-se as eleições, a presi-dência alterou-se, mudaram alguns técnicos e tudo se atrasou.

Mais dificuldades: — a obra não podia ficar em nome da heroína. Casada em comunhão de bens, o marido havia-se encravado com dívidas ao *fisco!* e não perdoa. Se houver bens, vem buscá-los.

Os Pobres são muito pobres! Ai deles se não fora a misericórdia da Igreja e de Deus n'Ela.

A capa da misericórdia é o ornamento mais belo da Igreja de Jesus.

Como esta palavra é das mais doces do nosso vocabulário!

A habitação como o terreno tiveram de ser registados em nome dos filhos. Sim. A casa de todos ficará

Continua na página 4

Tribuna de Coimbra

O futuro do homem está ameaçado

ESTÁ a decorrer, a esta data, a Semana Nacional da Educação Cristã. Mais uma oportunidade de reflexão sobre um tema essencial que, de imediato, aponta para a área da família como «um bem necessário e insubstituível». Pai Américo, da sua urgência, assim a classificou com a sabedoria de grande educador: «Onde ela falta tudo o mais são remendos...» Entendamos bem, com as palavras de João Paulo II: «Por ela passa o futuro do Homem». Ela é não só lugar de satisfação das necessidades

básicas, como o carinho, o afecto e a segurança, como também espaço privilegiado de educação para os grandes valores do homem, da vida e de Deus. Sim, de Deus! Pois que, truncar esta dimensão educativa inscrita na alma humana, é uma negligência irreparável. Deixar à sorte dos ventos sem norte, a pergunta de Deus, é fonte de grandes desequilíbrios e males. Precisamos de adultos, educadores, pais que sem medo respondam à pergunta da criança esboçada na alma do poeta: «Minha mãe: quem é Aquele pregado na

Cruz?...» Pais, santos e educadores que expliquem o mistério d'Aquela «santa face», redentora, pois que o homem, por si só, é incapaz de se redimir. Pais crentes, que transmitam a fé e os valores dela decorrentes em opções de vida: «*Todo o regresso a Nazaré é progresso social cristão*», recordava Pai Américo. Regressar a Nazaré e aos valores do Evangelho; aos grandes valores normativos de uma vida simples e apaixonada é caminho a percorrer com grande urgência. Pregar o Evangelho de Cristo como resposta

à felicidade humana; Ele mesmo é felicidade. Mas é preciso torná-lo acessível e perceptível, eis o verdadeiro desafio aos educadores cristãos. Mas é tão difícil! Não passa despercebido a ninguém a tendência de fazer calar a voz da Igreja. De reduzir a sua esfera de influência na acção social, ou de considerá-la importante apenas do ponto de vista museológico e cultural. Para muitos, a sacristia é o seu lugar! A tendência estatizante a que se assiste é sintomática. Num clima destes, pais e educadores significativos precisam-se! É o futuro do homem que está ameaçado e a imagem de Deus, nele, alienada.

Padre João

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

MADRATA — Defende uma filha, pequenita, criança de um homem que anda por lá...

São tantas, nos dias de hoje!

Pai Américo defendia-as pela necessidade da própria mãe. É o caso.

A jovem sabe o amor que tem pela criança, sua filha, em todo o sentido.

Numa moradia do Património dos Pobres que Pai Américo, e nós outros trouxemos, da viagem a África, a Moçambique, na década de cinquenta. A presença de Pai Américo por terras onde trabalhou, criou um hino de graça! E, para mim, uma lembrança que jamais esquece... E criou, ainda, um verdadeiro interesse por todo o País.

Esta moradia estava sendo para outra jovem, doente, que Deus já levou, voltámos a dizer aqueles Pobres...

A jovem mãe ficou tão admirada que não sabia o que dizer!

Ali são três casas, tão lindas! E, felizmente, uma dedicação por todas as vizinhas.

PARTILHA — Por um assunto de Pobres, que levantámos n' O GAIATO, a assinante 24851, de Oeiras, mandou 20 euros, e disse: *«Peço para não me agradecerem. Agradecer o quê!? É em acção de graças, das férias, que Deus me proporciona que eu envio esta pequena ajuda. Deus nos abençoe»*.

Outra, do mesmo naipe, assinante 33332, de Torres Vedras, tem 82 anos, é alentejana, e aparece aqui várias vezes e afirma-se *«muito contente»*.

Temos, agora, a assinante 18798, de Lisboa: *«Acabo de ler, no jornal de 16 de Setembro, a vossa rubrica 'Conferência de Paço de Sousa' — 'Doente'. Fiquei sensibilizada com a vossa caridade e dificuldades. Envio uma migalha, 50 euros»*.

De Ponte de Sor, 70 euros, do assinante 59467, que tem aqui chegado mais do que uma vez: *«para a Conferência de Paço de Sousa»*. Muito obrigado, senhor Doutor.

Fernão Ferro, a assinante 78818, com uma oferta e muito admirada pelo nosso Jornal.

Um remanescente, do assinante 79104, de Coimbra, para a nossa Conferência.

A assinante 2560, de Lisboa: *«Os meus 80 anos e a minha antiguidade também como assinante, permitem-me que assim o trate (como amigo Júlio Mendes). Desta vez foi o meu marido que ficou muito impressionado com a notícia dos dois necessitados, com 200 euros, provavelmente para ajudar a conta da Farmácia para um só mês...»* Deus lhe pague, minha Senhora.

A nossa gratidão para todos.

Eis o endereço: *Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.*

Júlio Mendes



Luís Miguel, neto do Tavares (ex-«Sabão») baptizado no Domingo, 19.09.2006

Paço de Sousa

DESPORTO — Continua a onda dos treinos. Com eles, começou a vir ao de cima o entendimento e o entusiasmo da nossa equipa. Desta vez, já a postura de cada um era diferente, para melhor! O futebol de praia e da hora do recreio começa a ficar para trás. É necessário começar a entender, novamente, que o futebol a valer tem regras e que cada um tem que saber ocupar o lugar que lhe é indicado. Quem não sabe ocupar o seu lugar, são aqueles que começam a faltar por não quererem trabalhar. De três guarda-redes, apareceu um: o «velhinho» Teixugueira, que se habituou a respeitar a camisola e as pessoas desde miúdo. Como ele há mais, é verdade! Por isso, é que eu dizia na crónica anterior: *tenho a certeza que, para alguns, não é a chuva e o sacrifício, que possam vir a fazer, que os impede de vir aos treinos*. Deste treino saí satisfeito! Todos se aplicaram e todos tentaram fazer o seu melhor. Durante o respectivo, e sem estarem a falar para eu ouvir, lá fui «aparafusando»: *«estou estourado»; «quando sair daqui, vou descansar»; «logo à noite não vou sair, vou direitinho para a cama»*. Aqui está a prova da aplicação e da entrega de cada um, em cada sessão de treinos. Ainda não foi desta que fomos à mata, mas está quase. Eles gostam de lá ir...! Alguns ainda vão na avenida e já estão a «mandar vir», mas eu gosto desses! São os mais puros. O que é preciso é chegar lá em cima. Eu também chego lá a «bufar», mas vou, e eles para não ficarem mal, não me deixam ir sozinho. Eu já fico satisfeito por ser o último do pelotão da frente. Eles capricham; eles sabem que têm que se preparar bem, fisicamente e mentalmente, para depois não entregarem a vitória ao adversário por falta de preparação. Até o «Retinho», que é um «malandro», estou a brincar!, está a ficar um poço de força e a não querer ceder o seu lugar no eixo da defesa. Quem ainda brinca um bocadinho a mais, para o meu gosto, é o Ricardo Filipe. Mas está a ser um «senhor» na ala-direita. Acabou a época anterior em grande, e parece estar a começar esta da mesma forma. Por norma, quem joga(va) naquele lugar, está a ser preciso noutra posi-

ção: o «Bolinhas». São adaptações que temos que fazer e que eles não dizem que não. O Patrick, também parece estar em boas condições físicas. Espero que este ano a sua maneira de pensar e de estar, dentro das quatro linhas, quer nos treinos, quer nos jogos, seja muito melhor. Futebol sabe jogar ele, mas para mim não chega; para mim não é o suficiente, se não houver carácter e *fair-play*. Resumindo e concluindo: está tudo a correr bem e todos estão a encarar esta nova época, com muita dignidade.

Alberto («Resende»)

Malanje

15 DE JUNHO — Dia do Corpo de Deus e do encerramento das Jornadas da Criança em Angola. Uma vez mais, representantes do Governo fizeram questão de lembrar os seus Direitos. O nosso campo de jogos foi pequeno para as centenas de crianças, vindas de todos os pontos da Cidade, incluindo as nossas. Estiveram representantes do Organismo da Criança, assim como entidades responsáveis pelos vários sectores importantes de Malanje. O dia foi longo, mas a explosão de alegria das crianças superou o cansaço e as expectativas, com os seus rituais, danças e cantares. Foram distribuídos vários prémios para os que melhor representaram. Não há dúvida que um País sem crianças é como um jardim sem flores. O que não é o caso. As crianças revitalizam a nossa vida e uma esperança renasce e cresce para um mundo melhor. Há que respeitá-las, para que os seus Direitos não sejam devassados, mas, sim, assegurados.

CORPO DE DEUS — Foi celebrado no Domingo seguinte ao 15 de Junho. Sem foguetes, mas com muita devoção em Deus, exposto no Altar. A bênção dos campos, em procissão, com o Povo a cantar e a rezar, encheu-nos de júbilo e alegria. É uma das Festas litúrgicas mais importantes para a nossa Obra, consagrada por Pai Américo, na essência da Palavra e na presença de Jesus na hóstia. Recordo-me, quando criança, os lindos tapetes, feitos em serrim colorido, com muito carinho, ao longo do trajecto da nossa Aldeia, em Paço de Sousa, até à Capela. A procissão para a bênção dos campos era acompanhada pela Banda Musical de Paço de Sousa, com pompa e circunstância. Após a celebração e junto da nossa Capela, os músicos deliciavam-nos com alguns números do seu repertório. Pai Américo fazia questão de permanecer até ao fim, agradecendo o concerto. Vivemos este dia em comunhão com toda a nossa Obra.

VISITAS — O Senhor D. Luís Maria, Bispo de Malanje, fez-nos uma visita e falou com os nossos Rapazes. Reunidos na Capela, falou aos mais velhos, dos problemas que afligem a Obra e a nossa Casa em especial. Deu o exemplo da galinha que, quando os filhos ganham asas, pica-os para que se afastem dela. Escutaram a palavra e compreenderam o seu sentido. Disse que a Igreja tem responsabilidades para com a Obra em geral, daí a sua preocupação. Disse mais: *«A Casa do Gaiato não é, nem pode ser, um asilo de velhos, mas de crianças necessita-*

das. Há que dar lugar a outras crianças que esperam o seu acolhimento». Foi assim esta visita, a apoiar a Casa, na ausência do nosso Padre Telmo, e falar aos Rapazes no sentido de assumir as suas vidas fora dela. A vida em Malanje é difícil, sabemos. Não há indústrias, mas, sim, construção civil, o que nem sempre é o melhor para eles. Mas, nesta altura do campeonato, há que aceitar, de contrário ficamos sempre dependentes de terceiros. Que fazer?...

Um grupo de deficientes veio de Malanje, nos seus carrinhos de rodas, para passar o Domingo em convívio com os nossos Rapazes. Organizaram-se em equipa de futebol, começando o jogo entre eles. Dava gosto ver como desenvolviam as jogadas. Pareciam jogadores como os outros, «normais». Seus rostos felizes e sempre bem dispostos, levaram-nos a convidá-los para o almoço, o que muito agradeceram. Pedem um equipamento para a sua equipa. Disse que sim, quando da minha ida para Portugal. Quem nos quer ajudar a este pedido irrecusável.

Uma das nossas pacientes caiu, duas vezes num só dia, pelas escadas da casa-mãe. As dores eram muitas. Levámo-la ao Hospital de Malanje. Foi ao RX. Contorções e cox fendido. Os médicos foram duma delicadeza que só vista. Não sabiam que mais fazer. O Dr. Chagas, Delegado de Saúde, angolano, sempre pronto para que tudo se resolvesse, assim como outros dois médicos, também angolanos. O ortopedista era chinês, de igual modo nos tratou, com muita competência e carinho. Quem dera que, em Portugal, os nossos pacientes fossem de igual modo tratados. Pena temos que, em Angola, não apareçam médicos dispostos a cooperar com os angolanos.

OBRAS — A nossa cozinha em manto de retalhos. As marcas da guerra e a destruição são bem patentes. O aspecto impressiona. Padre Telmo, e quem lá passa, sem saber o que fazer. O equipamento, pronto a funcionar, pede reforma. Não há projectos, mas uma imperiosa necessidade de restauro. O financiamento está longe... confiamos na Providência. Engenheiro, responsável pela obra, encoraja Padre Telmo dizendo que o material, por ele colocado, não será problema, podendo ser pago a longo prazo. Metemos mão à obra, começando por desfraldar as paredes e pavimento. Padre Telmo não tem coragem para um novo pedido. Diz não ser justo abusar dos Amigos que nos ouvem, assim como dos que acompanham os nossos problemas através d' O GAIATO. Que fazer? Parar o restauro? Não, há que avançar com a obra, para que as condições higiénicas dos alimentos confeccionados, sejam o garante de saúde dos nossos Rapazes.

Uma nova enfermaria já está em andamento. Será na parte inferior da casa I, assim como a sala de costura e duas casas-de-banho. Esperamos que os nossos doentes se sintam mais confortáveis, não abusando da estada.

Os anexos sofrem alterações, começando pela placa principal, uma lavandaria, três armazéns, uma cozinha a lenha, com forno para pão. A cozinha a lenha, que tem servido para confeccionar as refeições, será demolida, por falta de condições.

RAPAZES — O nosso Jamba tem problemas afectivos, o que o torna um pouco rebelde. Tem ciúmes de tudo e

todos. Com 13 anos, anda na quarta-classe. Um gatinho, oferecido pela D. Maria José a Padre Telmo, foi por ele ameaçado. Joaquina ficou encarregue de o amamentar, ficando à sua responsabilidade. Um destes dias, apareceu muito debilitado. Quem foi? Jamba. Fez-se tribunal frisando o nome de Jamba, que diz não ter sido. Mais tarde, confessa. Nasceu no Huambo e viu seus pais mortos. Entretem-se, nas horas livres, a fazer carrinhos de lata de conserva. As rodas são caricas das garrafas. Autênticas Buil Diug. Hoje é o seu maior amigo, dentando-se ao lado do bichano.

Sami é um menino oposto ao Jamba. Um rosto fino e bem apresentado, olhar vivaço. Não tem qualquer dificuldade em relacionar-se com as outras crianças. Os seus 13 anos levam-no à quinta-classe. Quer ser engenheiro electrónico. Nasceu na Huila, seu clube é o N.B.A. América, gosta de jogar basquetebol, é muito amigo dos animais.

O 1.º de Maio foi assinalado com tarefas da Casa. Capinando e limpando as habitações. Estes são os nossos Rapazes, alegres e felizes.

Júlio Silva

Lar do Porto

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Começo a minha crónica com um muito obrigado, do fundo do coração, a todos os nossos Amigos. Sem vós a nossa caminhada seria mais complicada. Por isso, para todos saúde e a bênção de Deus, é o que desejo. Hoje, quando comecei a abrir a correspondência, depois do nosso Padre Carlos me ter dito que tínhamos bastantes cartas, a primeira coisa que fiz, foi dar graças a Deus, e, uma vez mais, o Senhor não nos faltou.

A pobreza da nossa Conferência, está confiada na mão amiga de Deus. Nestes tempos que correm, por vezes, o egoísmo apodera-se das pessoas, ao ponto do problema dos Pobres passar ao lado, e eles sentem essa falta de humanidade.

Ainda há tempos, quando fazia a visita a uma das nossas Pobres, lamentei-me, dizendo-lhe que, se calhar, no próximo mês não podia manter a sua ajuda. Então ela diz-me: *«O dinheiro faz-me tanta falta! Mas, por favor, venha visitar-me, traga o seu abraço»*. Quanto de felicidade isto nos alega porque sabemos que pelo Evangelho, pregar a barrigas vazias é difícil, mas também é bom ouvir, de quando em vez, um carinho destes.

Na hora da verdade Deus tem-nos dado sempre, embora com dificuldades, o necessário para ajudar os nossos amigos mais carenciados.

Os vicentinos, para sermos bons continuadores das suas visitas, têm de ser verdadeiros portadores das palavras do Evangelho, tenho fé no Pai do Céu.

Se algum dos nossos vicentinos, por vezes, sente desânimo e pouca coragem para a sua caminhada em favor dos mais carenciados, tem de ter a humildade de se entregar nas mãos do Pai que lá vai ajudando a subir a montanha.

Nestes tempos, como vicentino, tenho sentido momentos de muita afli-

Tiragem média
d' O GAIATO, por edição,
no mês de Setembro,
53.500 exemplares

ção e pouco apetite de continuar, mas é pensando no Pobre que torno a ganhar forças para mais uma etapa na vida. Contudo, nunca desconfiei nem puz em causa a amizade da Providência de Deus. Saibamos ser fiéis ao espírito de vicentinos.

RECEBEMOS — Assinante 18040, cheque de 150 euros; Maria Júlia, dez; Alda Maria, a sua oferta; assinantes 52362 e 11722, recebemos o vosso donativo; M. Filomena, cheque de 25; Amiga, do Porto, o seu donativo; anónima, Famalicão, 50; assinante 11282, com a sua oferta e dizendo «Ninguém tem direito a ser feliz sozinho»; Maria Torres, 10; assinante 33332, vale de 25; assinante 917, o seu donativo; assinante 28272, um cheque.

Para todos, uma vez mais, bem-hajam e obrigado pelas vossas palavras de coragem e força.

Conferência de S. Francisco de Assis, Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Casal Félix

Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

Em reunião da Assembleia-Geral, realizada em 25 de Junho de 2006, na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, foi aprovada, por unanimidade, a proposta no sentido de fazer chegar à opinião pública o seguinte:

1 — Os membros desta Associação que cresceram e foram educados, maioritariamente, na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, consideram a Obra da Rua ou Obra do Padre Américo — Casas do Gaiato — que os acolheu enquanto crianças ou adolescentes, a partir dos anos 40 do século passado, como o local e o seio onde cresceram, foram amados e se tornaram cidadãos válidos, integrados na sociedade.

2 — As famílias dos membros desta Associação estão unanimemente solidárias connosco neste Manifesto.

3 — A Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro (AAGFC) pretende expressar aqui o seu total e veemente desacordo com a forma como alguma Comunicação Social, a partir de inquéritos e auditorias realizados pela Segurança Social, tem apresentado o modelo de vida e as Casas do Gaiato, através de notícias, artigos de opinião, reportagens e entrevistas, em geral descontextualizadas, tratando de alegados maus tratos a crianças e jovens, mas que é, no essencial, reveladora de total desconhecimento da realidade da respectiva vida e pedagogia, a que se somam a falta de objectividade e até algum facciosismo; daí resultando uma imagem completamente distorcida que choca todos os actuais gaiatos, os seus familiares, os benfeitores, os Amigos e todos aqueles que conhecem a Obra do Padre Américo, porque a conhecem, a amam.

4 — A linguagem predominantemente utilizada pela dita Comunicação Social, nos trabalhos que vai dando à estampa, padece de uma enorme inadequação face à realidade que esses trabalhos descrevem e/ou pretendem analisar, porquanto os actuais gaiatos, bem como os antigos, de modo se nenhum reconhecem em termos como «alunos» frequentadores de «colégios» em regime de «internato» ou qualquer outra situação similar.

5 — Do que se refere no número anterior deriva a vontade da AAGFC

esclarecer a dita Comunicação Social de que os gaiatos, uma vez integrados na Casa que os acolhe, tornam-se membros de uma família, obviamente mais complexa do que a família natural, mas onde se procura que todos cresçam como irmãos, tendo a orientá-los e a cuidar deles, não «directores», «supervisores» e outras categorias, com todo o respeito que merecem aqueles que desempenham bem tais funções em instituições de outra natureza, mas um Padre que é Pai e uma Mulher que é mãe, os quais, cada um no seu tempo, com motivações semelhantes, largaram confortáveis posições sociais e familiares, e se entregaram, em todo o seu tempo e energias, ao ideário de Padre/Pai Américo.

6 — Acresce ainda informar a mesma comunicação social de que as Casas do Gaiato são regidas por um lema do Padre/Pai Américo: *Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes*. Será difícil explicitar aqui a riqueza que este lema contém. Mas a pedagogia do Padre/Pai Américo está aí, à disposição de qualquer jornalista interessado. A título de exemplo refere-se aqui um, de entre os muitos dos traços *sui generis* das mini-sociedades que cada tempo habitaram e habitam as Casas do Gaiato — São comunidades democráticas, e foram-no *avant la lettre*, em que todos, sem excepção, são chamados a desempenhar funções com vista ao bem de todos. Enquanto membros desta comunidade, os gaiatos aprendem a ser amigos, a sentirem-se irmãos, a contribuir para o bem comum na execução responsável das tarefas próprias de qualquer família, a crescer do ponto de vista pessoal, perseguindo objectivos de responsabilidade, de valorização do trabalho, de organização e emancipação individual, a adquirir valores de cidadania, de liberdade, de convivência cívica e cristã, em suma, aprendem a ser Homens.

7 — A AAGFC regista e reconhece a dificuldade que alguns dos senhores jornalistas, e outros actores e sectores, têm em entender a vida nas Casas do Gaiato. Não é fácil. As Casas do Gaiato, e toda a Obra da Rua, resultam de uma «martelada» que mudou a vida do cidadão Américo Monteiro de Aguiar, segundo deixou dito o Padre/Pai Américo. Para compreenderem o sentido desta «martelada», os senhores em questão têm de investigar, estimulando a sua natural curiosidade. Torna-se fácil pegar nuns tantos casos menos bem sucedidos ou mesmo fracassados e fazer deles bandeira. Claro que vende...

No entanto, não é por acaso que a Instituição já por várias vezes, ao longo dos anos, tem despertado o interesse de cineastas, escritores (não só portugueses), muitas escolas de diversos graus de ensino e, até, têm servido para teses de doutoramento. Porque será?

8 — A AAGFC alerta esta parte da Comunicação Social para não cair no facilitismo de não admitir imperfeições em sociedades como aquela de que fazemos parte. Tentem compreender as Casas do Gaiato enquanto criação de um Homem extraordinário que, por sê-lo, concebeu um método educativo baseado no modelo familiar, ao qual acrescentou a sabedoria da simplicidade e da confiança:

— A vida da Casa está assente num funcionamento de base democrática, em que um dos Rapazes mais velhos é eleito, por voto secreto, para ser o «Chefe».

— Esta organização estende-se dos Rapazes mais velhos para os mais novos, tendo sempre a presidência o sentido de responsabilidade de uns pelos outros e a orientação de todos na execução das tarefas inerentes à vida da Casa, de forma repartida, na medida do possível e de acordo

com a capacidade e a idade de cada um. Deste modo se vai desenvolvendo o processo de maturação.

— Não se escondem os fracassos. Aprende-se com eles. Mas cá estamos nós, para afirmar que a esmagadora maioria dos antigos gaiatos são cidadãos válidos, integrados na sociedade, na plenitude dos seus direitos e deveres.

9 — A AAGFC pretende também deixar expresso o seu pesar perante a passividade e reacções tardias e/ou pouco esclarecidas de alguns da hierarquia da Igreja Católica. O clero católico não tem que estar de forma unísona identificado com a Obra do Padre Américo. A Igreja, essa sim, deve estar comprometida com a Obra, porque nela nasceu e nela permanece.

10 — A AAGFC vem a público manifestar todo o apoio aos responsáveis da Obra da Rua ou Obra do Padre Américo — Casas do Gaiato — e reforçar a sua confiança na pedagogia do Padre/Pai Américo. Lamenta a um tempo a incompreensão que se instalou e congratula-se com todos aqueles que reconhecem nos Padres e nas Senhoras que se entregaram à Obra da Rua, homens e mulheres que, no fundamental, acolhem e amam, tentando ver homens onde outros só vêem «gente menor». Os gaiatos pertencentes a esta Associação deixam aqui um sinal do seu carinho e da sua gratidão pela abnegada doação das vossas vidas:

— «Queridos Padres/Pais, Queridas Mães, os vossos pequenos defeitos em nada se comparam às vossas grandes obras. Vós, como nós, sois humanos, mas a vossa entrega total é transcendente. Poucos são os que a conseguirão compreender, neste mundo de valores pouco exigentes».

11 — A AAGFC aproveita o momento para agradecer aos «Benfeitores da Obra». Realidade, por ventura, de muitos desconhecida, constituída pelos muitos milhares de portugueses que desde sempre olharam as realizações da Obra do Padre Américo — Casas do Gaiato, Calvário e Património dos Pobres — com admiração, carinho e a generosidade que permitiu e permite a sua sobrevivência na ordem das necessidades anímicas, materiais e sociais em Portugal, Angola e Moçambique. A estes nossos Amigos, porque Amigos da Obra da Rua, manifestamos a nossa gratidão.

— Nós somos o que somos, porque vós também o quisestes.

José Martins

Mais uma vez estivemos em convívio na Senhora da Piedade, em Miranda do Corvo, como havia sido prometido, no dia 17 de Setembro, tendo tudo decorrido com boa harmonia, com um dia bom de sol e a presença de cerca de 35 pessoas.

Não deixou de estar presente o nosso Padre João, com alguns rapazes da Casa.

O almoço e a merenda foram de animação entre todos, não faltando o leitão à Bairrada e o arroz doce, bem como o café e os *brandies* para assentar.

Aproveitámos para um pequeno sorteio com o fim de angariar alguns euros para a Comissão de Festas do Santuário, que nos cedeu as instalações. Mais uma vez o nosso obrigado.

Não nos esqueçamos de apreciar o Manifesto de Desagrado sobre a Obra e depois de algumas pequenas correcções, aproveitámos para informar que, face às atoardas lançadas por alguma Comunicação Social, resolvemos apresentar a nossa contestação, fazendo-a chegar a alguns jornais e não só, *que têm colaborado* nas tentativas de descrédito.

DOCTRINA



Tudo indica que se começa a regressar ao verdadeiro comunismo cristão...

TODA a gente sabe que nós temos uma sucursal no Porto com trinta camas feitas, algumas ocupadas e outras à espera dos que vêm chegando das nossas Casas de campo, aptos a pisar as ruas. É uma casa muito airosa, com espaçoso quintal. Ora muito bem. Os nossos que ali habitam moravam em cidades onde tinham abrigos nos quarteirões marcados a esta sorte de gente, mas não moravam neles. Preferiam a rua. Viviam na rua. Hoje, preferem a casa. Procuram a casa. Vivem em sua Casa. Nunca foi necessário prever nenhum por sair de casa. Trocaram a paixão da rua por outra mais saudável e mais proveitosa; e tudo isto por um acto espontâneo da sua própria vontade. Tanto os criaditos que vão aviar recados, como os que estudam nas escolas diurnas e também os das nocturnas e ainda os que trabalham no comércio e na indústria — todos morrem por regressar. Vale muito a pena ler e reflectir esta verdade, para não sermos fáceis em cobrir de culpas os delitos sociais praticados por aqueles que não têm nem nunca tiveram a sua casa. A causa principal destes desmandos tem aqui a sua origem e daqui nasce que um dos predicados dos chamados criminosos costuma vir na notícia dos seus crimes: «sem morada certa». Não têm casa. Nunca tiveram casa.

UM exemplo: Calhou ao nosso Avelino um pobre na rua de tal, mas ao depois considerou-se que era a zona perigosa para a criança e anulou-se. Mais tarde, soube-se que se tratava de uma família composta de mãe e quatro filhos pequeninos e que a morada na tal zona perigosa não era habitação, mas sim casa de pernoitar. E que casa! E que gente lá pernoita! A casa desta família é a rua. Assim começaram os que amanhã pagam nos tribunais as «culpas» e sofrem as penas de não terem morada certa. Vale a pena meditar nestas verdades e bater no peito, de arrependidos.

TEMOS nas nossas cidades a presença dos primitivos burgos que oferecem campo a grandes falatórios e demoradas realizações. Mas lá chegaremos. Que ninguém duvide. O passo é vagaroso, mas firme. O sol vem a despontar. Pois a história dos burgos é a mesma em todas as cidades. O mundo cresceu, rebentou as muralhas e saltou fora em demanda de espaço. Uma vez fora delas, gizou praças, ergueu palácios; vieram os costumes, as riquezas, a abundância — um mundo novo a fazer pela vida — e os velhos burgos ficaram. Depois, vieram as grandes urbanizações «como lá fora» — exigências duma sociedade moderna e conquistadora. É o progresso. E os velhos burgos, na mesma. Hoje, o mundo que de lá saíu outrora já não cabe no mundo. Os homenzinhos chamados de ciência trocaram por ela a sabedoria e, sem preparação nem respeito, entretêm-se a brincar com os segredos da Natureza, riscando os céus de sangue, provocando cataclismos, semeando na terra a morte! É o progresso. Os velhos burgos, esses ficaram esquecidos. Ali nada se fez desde o dia em que os mais fortes galgaram as muralhas e deixaram lá dentro os mais fracos. As catedrais estão cercadas de imundice física e moral. As casas são ninhos de perversão. Todo o crime ali se aninha. Ninguém se lembra da verdade terrível de que os seus habitantes são nossos. São da nossa carne e do nosso sangue. Ninguém tem o poder de cortar o laço que nos prende uns aos outros. É por isso mesmo, por causa desta verdade eterna, que os burgos doutrotra são hoje fortalezas humanas, armadas de ideias pervertidas, tão convictas e tão perigosas que somente a Caridade as pode destruir. A Caridade que folga com a Justiça.

D. Amín 5!

(Do livro *Doutrina*, 1.º vol.)

Ao mesmo tempo informamos que o documento pode ser consultado no site da Associação, em «www.gaiatos-centro.web.pt».

Estamos certos que embora com algum atraso, ainda vamos a tempo de mostrar a nossa indignação por tudo o que se tem passado em desfavour de

uma Instituição que durante toda a sua vida foi sempre acarinhada, até pela generalidade da Imprensa, tanto escrita como falada.

Esperamos voltar ao vosso contacto numa próxima oportunidade, logo que isso se proporcione.

Manuel dos Santos Machado

A Família

— Crónica de viagem I

FOI em conversa familiar que surgiu a proposta. O Carlos, o nosso «Shéu II», trabalha há três anos em Bruxelas ao serviço da Comunidade Europeia. Tinha vindo trazer a Mulher e o seu casaliço para férias prolongadas e ia regressar. «É uma viagem longa e pesada para fazer sozinho. Não quer ir lá ter comigo e vimos os dois quando vier buscá-los...?» Isto já foi no Verão do ano passado, mas só este ano o projecto se realizou.

Mandou-me a passagem de avião pela *internet*, o que me levantou dúvidas sobre a formalidade daquele papelinho mal feitoso; mas eu embarquei sem problemas e cheguei na hora e bem, graças a Deus.

Foram três dias de «república de solteiros». Ele ensinou-me os cantos à casa, nomeadamente a despensa e o frigorífico; e manhã cedo ia ao seu trabalho e eu com ele (mais três estações de *metro*) para celebrar na Catedral, o templo que achámos mais à mão de quem não conhecia a cidade, nem levava grandes pernas que o ajudassem a procurar. Aliás foi nesta busca que, na primeira tarde, depois do seu regresso do trabalho, demos uma volta pela cidade.

«Dizem que é a capital mais verde da Europa» — me disse ele. Não sei se é a mais, mas deleitei-me naquela tarde com céu azul e muito sol (que levei de cá!) perante os muitos e grandes parques por onde passámos, a caminho do centro. Nesta volta ele mostrou-me por fora as instalações da CE onde trabalha. E na segunda manhã, porque era ali mesmo a estação de *metro* que me servia, depois da Missa aventurei-me a um passeiozito naqueles arredores. Ninguém me pergunte por mais impressões, pois trago uma

apenas, e generalíssima: Uma cidade, com certeza diferente... e afinal igual a todas — ruas e casas...

Contudo há uma impressão a registar. À saída da Catedral, olhando o Largo em frente, sem nenhum encanto particular mas largo, vi um pequenino busto sobre um pedestal modesto, e pensei: Que falta de estética a desproporção entre o monumento e a grandeza do espaço e o fundo majestoso do milenário Templo! Desci e li a placa inscrita na pedra: REI BALDUINO. E mudei completamente de parecer. Dentro da Catedral uma riqueza de imagens magníficas de Santos. Fora, a de este santo dos nossos tempos, em escultura simples e pobre, a lembrar às multidões que ali passam, um Homem que não se distinguiu por feitos notáveis de realeza, mas pela virtude e dom da sua vida, ele filho legítimo de uma Igreja que se declara e quer «Serva e Pobre». E, interiormente, aplaudi quem optou por aquela «falta de estética» — e fiquei a gostar mais dos Belgas.

Sexta-feira, o Carlos terminou o trabalho ao fim da manhã e veio almoçar a casa. Porque depois íamos viajar, eu preparei uma refeição desenjoativa, o nosso tradicional «bacalhau com todos». Fui arrumando a casa quanto era capaz, para ficar fechada as semanas das suas férias, mas ele deu-lhe o toque final, depois do almoço: os três andares da moradiuzinha que habitam num extremo da cidade passados com a esfregona para não se acumular grande pó e cheirar bem quando a família toda regressasse. (É hoje. À noite vou telefonar-lhes a saber se chegaram bem.)

Cerca das cinco horas partimos. Iríamos jantar e dormir no Luxemburgo em casa do Nave. Uma jornada de duas horas numa bela tarde por entre campos verdes onde pastavam vacas e outros que as colheitas temporárias tinham deixado menos verdes — mas todos com o indício de que tinham dono.

Dentro da cidade o GPS levou-nos certinhos ao nosso destino. Depois das minhas dúvidas, à ida, sobre a *internet*, também aqui fiquei convertido à eficácia desta modernidade.

Padre Carlos

Património dos Pobres

Continuação da página 1

em nome dos filhos. Como o ninho faz uma ninhada de passarinhos, se a casa promover uma família como esta, tão numerosa, paga-se a si mesma. Mais, ainda, transforma-se num alicerce para as futuras famílias que daqui nascerem. Constituirá um ponto de encontro.

A heroicidade desta mãe é inenarrável, o sofrimento físico, psicológico e moral é para ficar escondido e ser apreciado apenas por Aquele que tudo vê e sabe! Não é para aqui.

Vieram ajudas na altura em que falei n'O GAIATO. Palavras estimulantes e condoídas. Até um Bispo residencial me lembrou o seu fogo apostólico, mas o dinheiro fui-o gastando.

A casa está a erguer-se, não em nome da Paróquia como noutros tempos e noutros casos. Aqui, levantamos uma casa para promover uma família impondo, apenas, a condição de ela não ser vendida nos próximos vinte anos.

Pela foto, vê-se o adiantado da obra e a sua dimensão, uma verdadeira vivenda! Sala, cozinha, quatro quartos, duas casas de banho e... um quintal.

A situação é parasidíaca. As vistas rasgadas em verde, a descer e a subir, com casas implantadas nas vertentes, nos fundos e nos altos, parecem lembrar que o mundo lhe fica aos pés, compensando a família por tanta amargura passada.

Espero, dentro de dois meses, ter a casinha pronta para que o Inverno seja gozado pela família

dentro do seu conforto que a construção é térmica.

Havemos de nos alegrar com um Bem tão bom dado por Amor!

Amor que vem de Deus... e... cresce n'Ele!

Padre Acílio

Senhor Dr. Gil Moreira dos Santos

OS afectos — é costume sediá-los no coração; mas eu penso que no ser humano eles têm de ter raiz também na inteligência. Aliás, o amor é essencialmente operação do espírito e os afectos são ramos laterais do tronco principal que é o amor.

Os afectos são parte importantíssima do nosso património — riqueza que faz mais poderosa a nossa fraca e vulgar humanidade porque lhe é apoio firme na eleição de critérios, no privilegiar valores, que não coincidem com o parecer e as práticas do mundo, o que, naturalmente, produz tensões.

No grande e quase sempre anónimo lote dos afectos, destacamos aqueles dos que nos amam com a inteligência. E porque tal amor é crítico e espontaneamente se revela, a estes é mais fácil contá-los e estabelecer com eles uma convivência mais frequente e sempre fecunda.

O cinquentenário da morte de Pai Américo e a devota intervenção do nosso comum Amigo Cruz Santos fizeram a ocasião desta saborosa surpresa: mais um destes afectos qualificados, o do Dr. Gil.

Não sei se estas coisas se agradecem. Nós preferimos dirigir a nossa alegria e gratidão mais para o Alto. Que de LÁ ela se reflecta com valor acrescentado sobre o nosso querido Amigo.

Com muita admiração.

Padre Carlos

Calvário

As normas e os normais

HÁ dias, ao parar num semáforo dei comigo a pensar nos sinais de trânsito que aparecem pelas estradas em que circulamos. Uns mandam parar, outros seguir em frente; uns ordenam que voltemos à direita, outros à esquerda — alguns impõem limite de velocidade. Enfim, somos, na verdade, comandados quando viajamos. Mas isto é para bem de todos. Se alguém infringe aqueles sinais temos a confusão e o desastre provável.

Ora, o nosso viver, para que todos sejam respeitados deve atender, igualmente, a regras. E há normas já provadas que o bom senso, os costumes, as situações e, até, a idade impõem. Temos necessidade de as respeitar para podermos viver em harmonia e não nos atropelarmos uns aos outros.

Moisés tentou catalogar essas regras fundamentais, para o viver humano, nos Mandamentos e estes continuam actuais.

O conceito errado de liberdade, porém, veio alterar tudo — o respeito, a delicadeza, o dever a cumprir, passaram de moda, como verificamos constantemente. E, por isso, assistimos a graves atropelos que geram pânico, insegurança, conflitos, incerteza e mal estar.

Aqui, em Casa, no convívio diário com estes rapazes e doentes, constato que as pessoas com menos capacidade intelectual são mais respeitadoras das regras do viver em comum. Talvez seja por uma questão de segurança. E, certamente, também porque não raciocinam tanto, nem conhecem tantas manhas nem são tão ardilosos. Quando têm bons educadores e vivem num meio organizado, com regras precisas, são disciplinados e cumpridores. Temos muito a aprender com eles.

Uns senhores entraram pelo nosso viteiro, curiosos, e depararam com um rapaz a dar o leite convertido aos vitelos. Sugeriram-lhe, logo, outra maneira de realizar aquela tarefa, de modo mais prático. O rapaz responde de pronto:

— *Desculpem lá, mas foi assim que me ensinaram, e é assim que faço!*

Os menos incapacitados intelectualmente não são capazes de criar novas regras: cumprem as que lhe ensinam.

O homem, dito normal, aproveita a sua esperteza para fugir ou contornar as leis. Mas a esperteza, por vezes, dá para o torto. E, depois, as lamúrias surgem.

Padre Baptista

Malanje

A falta de emprego dos jovens

«**S**ENTE-SE no ar o cheiro a dinheiro, já não temos ideias» — diz uma canção de jovens chineses.

Em todos os países este cheiro invade e domina. As televisões, ao serviço e às ordens do consumismo, têm muita culpa.

Dinheiro no bolso gera individualismo. Grandes ricos ao lado de casebres, gera revolta.

Um pouco por toda a parte o que mais preocupa os jovens é a falta de emprego. A luta quotidiana para conseguirem ter casa e família é fonte de muita preocupação.

Não há, em Angola, jovens nas aldeias do interior, todos fugiram para as cidades. Há dezenas de anos que não vejo um jovem a trabalhar nas lavras. Somente os pais, e já velhos, têm a sua lavra de mandioca, feijão e milho. Mal dá para uma pobre subsistência.

Nas cidades atiram-se a esquemas para sobreviverem: carrinhos de madeira para transporte de mercadorias; carregar e descarregar camiões; venderem tudo e a todos num afã diário para terem uma ceia.

Urgente um processo arrojado de mudança.

Como? Contando, pois, com a fertilidade da nossa terra no impulso agrícola e sector da pecuária.

Um senhor, alemão, fez o estudo das margens do rio Lucala. Só estas dariam banana para a Europa inteira!

Os diamantes não se comem. O petróleo não se bebe.

Mas com eles se poderiam preparar terrenos, parcelar e entregar aos agricultores, dando orientação e exigindo responsabilidade.

Houve tempo em que nas re-

giões do arroz, cada família era obrigada a cultivar um hectar. Cada família comia arroz e vendia.

Quatro fábricas, só em Malanje, não paravam na altura do descasque.

Um plano arrojado (possível e fácil), que ponha a funcionar a tracção animal.

Uma lei que obrigue os donos de grandes propriedades ao seu cultivo.

A situação do negócio com os produtos importados é alimento da nossa fome.

Padre Telmo

PENSAMENTO

Hoje de manhã, ao lusco-fusco, encontrava-me eu na Capela. Gosto daquela hora. Nós todos temos muita necessidade daquela hora. Sem ela as coisas não andam. Felizes os que têm no peito isto que aqui se diz.

PAI AMÉRICO